



ANIMA  
LUDIA!

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# *Anima lusa*

by Pedro G.P. Martins

Copyright © 2013 by Pedro G.P. Martins

Cover © Carlos Martins

Smashwords Edition

Contacto: [pedrogpmartins@gmail.com](mailto:pedrogpmartins@gmail.com)

Blog: <http://a-chave-dicotomica.com>

## *Smashwords Edition, License Notes*

Thank you for downloading this free ebook. You are welcome to share it with your friends. This book may be reproduced, copied and distributed for non-commercial purposes, provided the book remains in its complete original form. If you enjoyed this ebook, please return to [Smashwords.com](http://Smashwords.com) to discover other works by this author. Thank you for your support.

“Quando vemos uma flor, nós não *vemos* uma flor. Não temos a resolução necessária, nem o correcto comprimento de onda. É o insecto quem vê a flor, em todo o seu pormenor. As ocultas sinaléticas, em ultravioleta, inscritas nas pétalas; códigos luminosos que os encaminham para a polinização. As flores foram feitas para os insectos, não foram feitas para nós”. Isto disse, meses antes, a professora Lourenço na derradeira aula, antes da sua aposentação. Hoje Inês Lourenço é apenas um nome, um número, o último da lista de Nuno Veloso. Tecno-executor ao serviço dos *ZeckenKöpfen*, Nuno desconhece, precisamente, isto. Que quando vemos uma flor, nós não vemos uma flor, mas apenas um borrão na paisagem, ignorando que um pormenor pode revelar a essência das coisas. Aquelas que nos ultrapassam, aquelas que vivem dentro de nós. Um mero detalhe, como o jogo de luz reflectido no ecrã do LECX-3000, o computador portátil de teclado gelatinoso, incrustado numa placa rugosa e informe onde trabalhou pela noite dentro. O computador onde ultima ainda, no raiar da manhã, os gráficos das amostras que tem vindo a processar, com afinco e tenacidade, nos últimos meses. Ele é conhecido por ser o mais rigoroso, o que “corta mais rente” de todos os tecno-executores, desde que a garra tricúspide desceu sobre os céus de Lisboa. Chamam-lhe assim, a esta nave espacial invisível, estacionada por detrás de uma densa neblina, parda e asfíxiante. Neblina que tomou o lugar de uma luz, dizia-se outrora, das mais bonitas da Europa. A luz que acariciava as ruas de Lisboa.

“Romanticismos tolos”, tartamudeia Nuno, de semblante compenetrado, frente ao computador que repousa na velha secretária de pinho, macerada pelas cicatrizes do tempo. Marcas zigzagueantes e inadvertidas, de gestos perpetrados por pontas de canetas onde a tinta se extinguiu há várias décadas. Canetas, no entanto, ainda hoje impecavelmente alinhadas sobre o tampo da secretária, onde se empilham arquivadores e livros técnicos, em colunas com diferentes alturas, ao longo das paredes que já foram brancas - revestidas agora de um bolor que cresce desde os cantos do tecto. Um tecto alto do século XIX, rebordado com motivos florais em estuque de gesso, ornamentos que as falhas geológicas sulcam com as suas mãos dendríticas. O escritório fica no terceiro e último piso de um edifício de tons rosa desmaiado, dilacerado por graffitis, a fazer esquina com uma fachada igualmente velha e desdentada, onde já sobram poucos dos azulejos que a compunham. Espaços descarnados de cimento a emoldurar esta esquina da cidade. Uma das esquinas da zona 5, secção 32, ou, como dantes se costumava chamar, o Largo do Rato, em Lisboa.

Mas voltemos ao jogo de luz. Importante não tirar o olho do pormenor, apesar da tendência natural para o fazermos. Quando Nuno desligou o computador, a luz esquecida do candeeiro de mesa mostrou um reflexo no escuro do ecrã - o reflexo de Nuno Veloso. Os olhos carrancudos, por detrás dos aros pequenos e redondos de uns óculos que usa desde os quinze anos. O cabelo marmoreado, onde madeixas brancas despontam por entre uma estepe negra e espessa, que recorta uma estreita faixa de uma testa, sulcada e seca como o solo gretado de um deserto.

É a imagem ao espelho dos olhos de um homem. Olhos que não dormem, mas onde não se abate o cansaço, apesar de cavados de olheiras fundas. Olhos raiados de sangue, com iris amarelentas, sinistras, onde todas as manhãs se reflectem os azuis e rubros tons das emissões noticiosas da

TV cabo, enquanto os lábios finos sorvem um sumo de laranja natural. A imagem de alguém com a arte de concatenar na perfeição as tarefas matinais, empreendendo as duas séries diárias de trinta flexões, e mais duas de quarenta e cinco abdominais. Alguém que recapitula no duche a agenda preenchida do dia de trabalho. Depois arrumar no estojo as paletes de esferovite com várias linhas de *ependorfs*, receptáculos para as amostras de mais um dia de colheita da famigerada *Anima lusa*. O estojo entra na mala de executivo, onde cabe ainda o LECX-3000, precioso instrumento de trabalho desde a descida dos *ZeckenKöpfen*. Cabe ainda, em último lugar, o pacote com uma encomenda, sem remetente no rosto. Encomenda que não recorda quem lha deixou em mãos, já lá vão 1101 exemplares a quem aspirou a *Anima lusa*, no seu trabalho de tecno-executor, e todos têm uma última carta, ou um pacote com um presente, para entregar a algum familiar distante, acantonado noutra estância do país. Desta feita, o pacote tem manuscrita, no lugar do destinatário, a morada “X, 152”. Ou seja, “zona dez, secção cento e cinquenta e dois”, descodifica Nuno.

“É para aquelas bandas que hoje vou em missão de campo”, pensa, no exacto momento em que toca o intercomunicador. O toque de que ele já estava à espera. A avaliar pelo silvo de motores lá fora, o *aerkäfer* tinha finalmente chegado e aterrado na zona 5, secção 32, de Lisboa.

Nuno desce pelo elevador até ao rés-do-chão e abre a porta articulada, de tons cobre, golpeada no gradeamento por lanhos que inscrevem nomes e datas de vizinhos de outras eras. Quando Nuno sai do prédio, espera-o a escolta costumeira, desta vez na figura de Salgueiro Maia, a envergar a mesma farda que vestiu na revolução de Abril, com a habitual pose hirta junto à aeronave.

“Bönne Djia” cumprimenta-o Salgueiro Maia, com a voz metálica de veladas quelíceras e salivantes paraglossas, produzindo uma amálgama de

sotaques que só remotamente lembram o português de Portugal.

“Bom dia” Responde-lhe Nuno, indiferente à figura escolhida, desta vez, pelos *ZeckenKöpfen*, para fazer a ligação com os lusitanos.

Nuno Veloso acredita no trabalho e apenas no trabalho, naquilo que tem de ser feito com frieza de técnico, e o necessário sacrifício. E hoje é apenas mais um destes dias. Salgueiro Maia encaminha-o para o *aerkäfer*, uma nave iridescente e sinuosa, pousada em pleno centro do largo. O largo que é hoje um local deserto, com todas as pessoas recolhidas nas suas casas. Uma das portas traseiras da aeronave abre-se com um movimento vertical, tal como um élitro de escaravelho que se articula no instante que precede o voo. Nuno entra para o assento de trás.

“Onde?” faz-lhe o capitão de Abril a pergunta da praxe.

“Hoje é na zona dez. Vila Franca de Xira”.

Salgueiro Maia sorri e torna a virar-se para a frente, comunicando ao mostrador da nave: “Fila Ferranca di Schirra”. O *aerkäfer* levanta voo com a elegância de uma libélula. Um voo vertical até transpor as quatro paredes de acrílico que vedam a secção 32. São quase invisíveis ao nível do chão, mas vêem-se perfeitamente cá de cima. A vista panorâmica de uma Lisboa dividida, retalhada em quadrículas perfeitamente geométricas. Uma grelha de três por três quilómetros a cobrir Lisboa, mas não só. De facto, ao transpor a capital, verifica-se que o sistema de quadriculas se estende a todo o território nacional, e até mesmo a perder-se de vista. Foi esta a estratégia de amostragem, metódica, padronizada, científica, que a garra tricúspide implementou para o programa que designou de “ajustamento”. Um programa que passa pela extracção, dos portugueses que vivem acantonados nas quadrículas, da *Anima lusa*. Ninguém sabe ao certo o que é a *Anima lusa*, nem mesmo os tecno-executores destacados para a execução das amostragens. Até onde Nuno sabe, é algo inefável, imaterial, que está ligado

à memória, mas não só. E que, quando extraído pelo estilete articulado, acoplado ao LECX-3000, traduz-se num líquido translúcido, inodoro, incolor, a que eles chamam hemolinfa.

Em média, cada português produz uma dose crítica de 2ml de hemolinfa. Obcecado com os números, Nuno afinou a sua estratégia para extrair o máximo valor de *Anima lusa* pelo menor número de amostras, a fim de obter de forma mais rápida e eficiente a quantidade final de hemolinfa que lhe foi requerida pelos *ZeckenKöpfen*. Ele é responsável pelas secções dentro das zonas cinco a dez. E dentro destas áreas, os portugueses que lá vivem são amostrados ao acaso, sem olhar a sexo, a idade, e parece que até a estatuto social. Hoje calhou em sorte uma portuguesa acantonada numa secção da zona 10. Hoje, que é um dia especial para Nuno. “A minha última amostra”, pensa, a olhar lá para baixo, para o infinito xadrez de quadrículas sobrepostas às áreas suburbanas. Algumas a englobar, até, zonas baldias, com um par de oliveiras de aspecto seco e doentio. Mas dramas sociais e ecológicos não demovem a férrea determinação do tecno-executor, nem o seu olhar impassível, impenetrável, que apesar de tudo se recusa a olhar para o céu. Primeiro, há muitos anos atrás, a Nuno transtornava-o olhar para cima e ver um céu carregado de estrelas. Uma mistura de claustrofobia e solidão. Hoje, que já não há estrelas, sobeja um friozinho no estômago a fustigar, quando se põe a imaginar o que estará, em concreto, para além da cortina de nevoeiro. O que existirá entre nós e o céu.

Chega-se por fim ao casario macilento da zona 10, em Vila Franca de Xira. A aeronave pousa com dificuldade na estreita calçada de granito que serpenteia a modesta rua Vasco da Gama. Pouco depois Nuno encontra-se no interior de uma sala, enterrado num sofá de tons creme, remanescente da terceira Grande Guerra, a avaliar pelos enxertos avulsos de tecidos de



outros tons remendando os braços gastos e coçados pelo uso. No cadeirão em frente a Nuno está sentada a sua próxima amostra, último nome da lista, ao qual corresponde o número 1102. Número que corresponde a uma mulher, uma mulher idosa, a boiar num vestido que asperge aromas fortes de naftalina. Um número, um nome, uma senhora, que Nuno está longe de saber tratar-se de alguém que foi a mais reputada entomologista da Europa. Inês Lourenço, com um rosto, um olhar, longe da mostrar a agudeza de outros tempos, destistindo a pouco e pouco de viver no tortuoso lusco-fusco dos dias. Um rosto inerte, coberto de sombra, emoldurado por um cabelo escasso e oleoso, recortado no contra-luz que brilha da pequena janela.

“Certamente percebe porque estou aqui”, diz-lhe Nuno num tom assertivo e autoritário.

Mas o olhar fixo e catatónico da velha trespassa-o e faz ricochete nas paredes da sala. Paredes onde o papel que as revestia se foi descolando aos poucos, expondo o negrume rançoso de humidades que se infiltram em todos os interstícios da casa. Mas os pés dela traíem-na, cravados que estão na carpete gasta, tensos, denunciando que está lúcida, que percebe porque lhe chegou em visita o tecno-executor dos *ZeckenKöpfen*. Ela aponta para a mesa de apoio ao sofá, onde assentam dois copos baços, nicados, e um comando de televisão com os botões gordurosos e os números nos canais parcialmente apagados.

“Eu vejo televisão. Infelizmente, o único canal que vocês transmitem. Sim, sei porque está aqui. Veio cortar-me o pouco que me resta”.

Nuno esboça um sorriso sardónico face ao verbo “cortar”. Relembra-se que muita gente entre o seu povo o vê com estes olhos, como o tecno-executor, ao serviço dos *ZeckenKöpfen*, que corta mais rente.

“Fala como se isto se tratasse de uma máquina de fiambre”.

“Antes me levassem a carne”. Diz num tom sério, mas logo solta uma gargalhada. Agora sim, parecia levada pela demência. Nuno mantém nela os olhos aguçados de rapina, num silêncio expectante. Lá fora, junto ao *aerkäfer*, Salgueiro Maia sabe que tem de esperar o tempo que for necessário. Nuno consegue sempre, a bem, trazer a amostra para a aeronave, que a transportará para a *Wasserturm*, antiga Torre de Belém, o ponto de contacto entre Portugal e os *ZeckenKöpfen*.

“Dediquei toda a minha vida ao estudo dos insectos. Mas sabe qual é a verdadeira beleza de um insecto? É que está em perfeita sintonia com a vida, com os ciclos naturais. Sabe quantas espécies já eu vi pousadas na corola de uma mesma planta, a partilhar o nectar da mesma flor? Tão diferente de nós, que nem conseguimos partilhar os recursos do mesmo planeta. O mundo é demasiado pequeno para os homens”. A mulher sorri, agora um sorriso sincero, triste. “Eu não culpo o seu trabalho, nem essas carraças invasoras. Não conseguiriam nada se não encontrassem aqui um solo fértil, propenso à invasão”.

Nuno mantém-se impassível, o olhar frio como uma lâmina, a perscrutar o exemplar na sua frente, o exemplar número 1102, último objecto da sua amostra. Sente que ela está quase pronta. Sente-lhe, no brilho do olhar, a vertigem de uma lágrima, enquanto o sorriso, lentamente, se desfaz. Quando Inês volta a si, o homem que estava na sua frente, subitamente desapareceu no sofá. Sente um vulto nas suas costas e o frio da agulha a insinuar-se sob a pele do pescoço. Por detrás do cadeirão, Nuno está debruçado sobre Inês, como um abutre que se ocupa da carne ainda fresca.

“É só um calmante” diz-lhe com o rosto bem próximo do dela.

Inês olha para cima, para o tecno-executor que a tolda de penumbra.

“Os seus olhos... lembram os carpelos das margaridas”, diz-lhe com doçura, a velha entomóloga, enquanto Nuno observa o relógio. Dentro de poucos minutos poderá, finalmente, extrair a *Anima lusa*.

“Eu chamo-me Inês. Inês Lourenço. E você... como se chama?”, pergunta-lhe ela, com uma voz já sonolenta.

“Nuno”, condescende-lhe o tecno-executor, com uma voz distraída e seca, enquanto afasta os copos nicados e coloca o LECX-3000 sobre a mesa.

“Eu costumava dizer que as flores não foram feitas para nós, que foram feitas para os insectos, seres sublimes, máquinas perfeitas. Mas, sabe, há uma coisa que um insecto não é capaz de fazer...”

Nuno abstrai-se de a ouvir. Prime um botão gelatinoso do computador e, através de um orifício da placa quitinosa, projecta-se um estilete articulado que, com uma agilidade ofídia, se dirige ao olho direito de Inês Lourenço. Ela não lhe faz caso. Tem o olhar pesado, cravado nos olhos de Nuno, quando termina de dizer as suas últimas palavras.

“Um insecto, Nuno, não é capaz de grandes feitos”.

O estilete enterra-se-lhe no globo ocular. Sons faiscantes de corrente eléctrica, estabelecem-se entre Inês e o LECX-3000. Numa outra extremidade do computador, projecta-se um bucal fino onde Nuno insere o eppendorf que, lentamente, se preenche de hemolinfa. Nuno espera, pacientemente, que o eppendorf perfaça os 2ml que lhe faltam.

“É para o seu bem” diz ele, ao corpo da mulher inanimada. “Para o bem de todos nós”, acrescenta. “Quando acordar, voltará tudo ao normal. Terá apenas perdido a memória”, conclui Nuno enquanto, a *Anima lusa* se esvai de Inês. Nuno abre-lhe as pálpebras e confere que as iris passaram do castanho escuro a um tom amarelo pardacento. Depois verifica, no ecrã do computador, que os sinais vitais estão dentro da normalidade. Antes de sair

do local, Nuno aconchega-a com um echarpe que repousava nas costas do cadeirão. Verifica se ela deixou alguma correspondência para ser entregue. Mas não. Não tinha nada, apenas o vazio da casa com os seus cheiros do passado.

“Onde?” Pergunta-lhe Salgueiro Maia, assim que Nuno regressa à aeronave.

“Secção 152, dentro desta zona” responde Nuno, com o pacote na mão, a outra tarefa que lhe falta - entregar a encomenda que há muito se demorava, preguiçosamente, em cima do tampo da sua secretária. E o *aerkäfer* sobrevoa os arrabaldes de Vila Franca até chegar à secção 152. Um terreno baldio, sem casas nem vestígios de alguém viver naquela parcela. Na verdade, olhando lá para baixo, as paredes de acrílico delimitam uma secção que terá sido em tempos uma lixeira, agora com mato crescido sobre os despejos urbanos. Salgueiro Maia lança-lhe um olhar de soslaio.

“Aqui?”

Nuno pensa um segundo e aquiesce.

“Sim, podes descer aqui”.

O *aerkäfer* pousa sobre a lixeira da secção 152 e Nuno Veloso palmilha o local, com o pacote na mão, sem saber muito bem o que procura. Passeia por cima de resíduos orgânicos, sujando o fato de executivo a esquadrinhar a área, sob o olhar atento e desconfiado de Salgueiro Maia. Mas pouco depois regressa, de semblante fechado. “Endereço errado”, pensa Nuno, que torna a guardar o pacote na mala, onde tem a caixa de paletes com as 1102 amostras em *eppendorfs*. “Ok, esqueçamos o pacote e voltemos às amostras”, diz para os seus botões, esboçando um sorriso. Chegou o momento por que tanto esperou.

“Para a *Wasserturm*, terceiro pavimento”.

Salgueiro Maia obedece, comunicando o novo destino ao mostrador da nave. O destino último, fim de missão de Nuno Veloso. A aeronave avança por cima o reticulado de quadrículas, ao longo do rio Tejo. Imagens desfocadas, de caminhos e casas durante o percurso. Uma das quadrículas engloba o Terreiro do Paço, onde restam ecos do arrulhar oportunista de aves comensais, que gritam de fome. Já não há homens para além das estátuas. E o *aerkäfer* continua a voar sobre Lisboa, cruzando a ponte 25 de Abril, atulhada de automóveis abandonados. Avistam, por fim, a *Wasserturm* à beira rio. Aproximam-se. Nuno espanta-se com aquele estilo grandioso, como se visse a torre pela primeira vez. Os adornos com motivos marinhos, alusivos à navegação, os majestosos baluartes, ameias em forma de escudo e a cruz da Ordem de Cristo. Apesar de não ser muito alta, o quinto e último pavimento da Torre dissolve-se no manto espesso da neblina. É o ponto de contacto entre a *Wasserturm* e a nave-mãe dos *ZeckenKöpfen*. Já na janela do terceiro piso, que corresponde à sala de audiências no seu interior, estende-se uma plataforma suspensa, onde o espera, numa pose formal e esfíngica, a figura de Fernando Pessoa. Assim que a aeronave estaciona na plataforma, Pessoa, com um gesto de braço, convida Nuno a entrar.

Dentro do claustro, Nuno senta-se a uma mesa ogival, frente a Fernando Pessoa, que se senta na outra ponta da mesa.

“Aparentemente, naum está a resultarre”, diz-lhe Pessoa, com as paletes de *eppendorfs* e os gráficos dos computadores na sua frente, “perrecisamos de mais. Mais hemolinfa”.

“Como assim, de mais hemolinfa?” Pergunta Nuno.

“Hemolinfa é nosso combustível”, responde Pessoa, “Sem hemolinfa naum podemos sairre de Lissaboa”.

“Mas eu recolhi os mililitros de hemolinfa do que me pediram! Tirei mais até, do que me pediram”, replica Nuno.

Fernando Pessoa encolhe os ombros.

“Naum chega, perrecisamos mais. Amostrarre mais português. Começarre do zerro, amanhã”.

“Mas, mas...” insurge-se Nuno, incrédulo. Mas não consegue dobrar a expressão vítrea por detrás ds óculos de Fernando Pessoa. Percebe que está diante de uma missão eterna, até não sobrar um pingo de *Anima lusa* aos portugueses.

Mais tarde, no seu apartamento, e depois de um banho tomado, Nuno senta-se frente ao ecrã do LECX-3000. Os braços pesam sobre a mesa de pinho, lado a lado com o esquadrão de esferográficas, alinhadas como submarinos que dormitam, inúteis, em meia água; como baleias em terra, a secar ao sol, projectando uma sombra extensa, sob a luz fraca e transversa do candeeiro de mesa, que ilumina o escritório. O escritório frio, sente-o Nuno agora, hoje, que o abandona por dentro o calor da causa. Resta-lhe o olhar frio, catatónico, fixo no ecrã.

“Os seus olhos... lembram os carpelos das margaridas”. Um calafrio atravessa-lhe a espinha. A voz dócil de Inês Lourenço revisita-o. “Quando vemos uma flor, nós não vemos uma flor”, disse ela ainda, em tempos idos. “Não temos a resolução necessária, não conseguimos ver o pormenor”. E, no entanto, um pormenor pode revelar a essência das coisas. Aquelas que nos ultrapassam, aquelas que vivem dentro de nós. Um pormenor, um mero detalhe, como o jogo de luz reflectido no ecrã do LECX-3000, onde Nuno perscruta aquele homem, do outro lado do espelho. Repara-lhe no tom amarelo das iris, que não é homogéneo, tem ali alguma coisa, o que lhe parecem ser umas rugosidades na periferia do disco ocular. Ao todo, sete rugosidades, cujos contornos se definem e adquirem a forma de castelos.

Um deles move-se, com trejeitos de insecto, que de rompante se solta num voo vertiginoso. E de repente, Nuno vê-se nos campos floridos à beira Tejo, ricos em malmequeres e margaridas, papoilas e cravos. Ao longe, a cruzar as águas leitosas do rio, vislumbra uma caravela. A caravela de Vasco da Gama, que regressa do seu caminho marítimo para a Índia.

“Eu tenho memória”, pensa Nuno, boquiaberto, “ainda tenho memória”.

E outro relampejo transporta-o para o salão sumptuoso, de um palácio real em Sintra, onde um homem barbado, com uma gola de folhos, está a ler com voz cava e solene as passagens de um livro espesso ao que parece ser um jovem rei, sentado na sua poltrona.

“Aqueles versos, conheço aqueles versos”. Nuno tenta fixá-los e, quase inadvertidamente, puxa de uma das velhas esferográficas com o intuito de escrever no tampo da secretária o que está a ser declamado na sua memória. Mas as canetas falham, a tinta seca permite apenas registar um verso de toda a estrofe que está a ser lida.

“Por mares nunca de antes navegados”, lê Nuno em voz alta. E algo lhe desperta a atenção. A sua letra, escrita no tampo de pinho, é idêntica à caligrafia no destinatário do pacote, que repousa no outro extremo da secretária. “O pacote tem o formato de um livro”, pensa Nuno, enquanto se levanta da cadeira. Pega no pacote, abre-o e retira, do seu interior, um livro. “Os Lusíadas”, está escrito no título. Folheia-o, redescobre que está estruturado em versos decassilábicos, ao longo de várias estrofes, que compõem diferentes Cantos. Ao todo, dez Cantos”.

“De-dez”, gagueja Nuno, e volta a olhar para o endereço no envelope.

“Zona 10, secção 152”. “Canto X, estrofe 152”. Nuno salta para a estrofe número 152 do Canto décimo d’Os Lusíadas, e detém-se um minuto a lê-la, quando a primeira luz da manhã desponta e sobrepõe-se à esparsa

luminosidade do candeeiro. A manhã que traz consigo, lá fora, o ruído áspero e metálico da aeronave que acaba de aterrar.

Nuno espreita pela janela e no centro do largo já está pousado o *aerkäfer*. Ao seu lado, numa pose hirta, perfila-se a figura ativa daquele poeta. Luís Vaz de Camões.

“Não” tartamudeia Nuno. “Eu sei quem tu és. Não podes ser tu, porque eu sei quem tu és”.

Nessa manhã os olhos amarelados do tecno-executor não passaram pela TV cabo, os lábios não tocaram no sumo de laranja, biceps e abdominais não se exercitaram, o corpo não passou pelo duche, não organizou a agenda de trabalho na sua cabeça. Mais cedo do que Luís Vaz contava, Nuno Veloso surge na sua frente, com os olhos flamejando por dentro.

“Bönne Djia”, cumprimenta-o Camões, com o sotaque habitual.

“Bom dia”, responde Nuno, com uma voz que deixou de ser imperturbável.

Camões detecta-lhe a componente emocional, mas Nuno disfarça com meio sorriso. Fitam-se durante uns segundos, com tensa expectativa, em jeito de desafio. E antes de Nuno executar qualquer gesto, uma garra lanceolada, projectada por debaixo do paletó ímpio do poeta, trespassa-lhe violentamente o peito. Nuno cai de espaldas na calçada que se tingue de sangue, uma poça que deflagra por debaixo das suas costas. Camões desce sobre ele, cravando-lhe mais fundo o estilete de quitina, mas Nuno consegue ainda lançar-lhe as mãos ao rosto, que se desfaz como plasticina, revelando as estruturas internas da criatura. Um aparato mastigador com peças articuladas, palpos e quelíceras de onde escorrem fios viscosos de um muco amarelento. O rosto lívido de Nuno espelha-se em cada um dos olhos múltiplos de aracnídeo, enquanto as mandíbulas se aproximam da jugular,



como duas inexoráveis lâminas de uma tesoura de podar. Mas antes que a criatura o golpeie, há uma multidão que irrompe das suas casas e afasta de Nuno a criatura predadora, arrastando-a com a força colossal de um braço unido, feito da soma das forças de cada um e de toda a gente. Visto de cima, a criatura dos *ZeckenKöpfen* parece a carcaça indefesa de um animal a ser devorado por um enxame de formigas, esse super-organismo que, segundo Inês Lourenço, não é capaz de grandes feitos. E no entanto, a revolta propaga-se, de quadrícula em quadrícula, secção em secção. Todos saem à rua e os vários sectores de uma multidão fragmentada corroem por dentro as invisíveis paredes que os separam, com gritos e lágrimas e riso.

Enquanto isso, ferido de morte, Nuno arrasta-se para o interior da aeronave. Senta-se no lugar da frente.

“Para a *Wasserturm*” murmura para o mostrador, apoderado de tremores e suores frios.

“Qué pavimento?” pergunta-lhe o mostrador de volta.

“Quinto. O quinto pavimento”.

Automaticamente, a nave levanta voo na direcção da Torre de Belém. Os olhos de Nuno Veloso teimam em querer fechar-se, para o repouso final, mas Nuno contraria-os. Enquanto pode, mantém-se desperto, pelo menos até ter a torre, aquela majestosa torre, novamente diante dos seus olhos. E aproximando-se, o *aerkäfer* começa então a subir a pique, directo à cortina de nevoeiro, rumo ao quinto pavimento, rumo à nave-mãe da garra tricúspide. E embalado pela trepidação da aeronave, Nuno mantém-se acordado, de olhos postos na neblina. Já sem medo de olhar o céu. De enfrentar o que está entre nós e o céu.

\*\*\*FIM\*\*\*

**Nota do autor:**

Obrigado pela leitura deste conto, mais um sobre Lisboa. Quanto a mim, continuarei a escrever sempre que me for possível, no espaço intersticial que o ofício de biólogo me permite. Se lhe interessou, pode sempre deixar uma crítica ou classificação, tanto no smashwords (<http://smashwords.com/profile/view/pedrogpmartins>) como no goodreads (<http://www.goodreads.com/pedrogpmartins>).

Não se assuste se encontrar, no meu perfil do goodreads, um hotel abandonado, uma construção suspensa, invadida pelo movimento lento das heras, ou até, quem sabe, povoado por zombies.

Mas pode sempre contactar-me directamente, via facebook (<http://facebook.com/pedrogpmartins>).